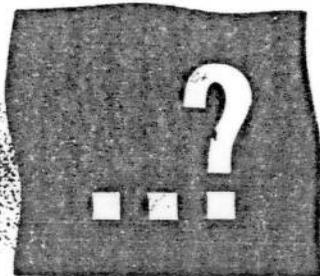


A questão agrária

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS



OS SOCIALISTAS VOLTAM A BRANDIR AS ARMAS DA TRUCULÊNCIA COM OS "SEM-TERRA" E OS "SEM-TETO"

Nada obstante o fracasso permanente de todas as tentativas de implementação de um sistema socialista no mundo, desde que Marx, o bem-sucedido burguês, teve a possibilidade, com a herança recebida da mulher e os proventos dos jornais capitalistas americanos, de viver em Londres, com relativo conforto e ócio, produzindo sua obra contra a burguesia, o fascínio pela utopia socialista não decai. Tal fascínio é tanto maior quanto menos se lê a obra de Marx, sendo seus mais ardorosos defensores aqueles que nem sequer conhecem os textos escritos pelo notável pensador, reduzindo sua "cultura marxista" aos manuais mutiladores preparados por terceiros.

Prefiro, apesar das críticas, adotar o tema "socialismo" para contrapô-lo ao "liberalismo", visto que a essência do enfoque dos pré-marxistas, dos marxistas e dos pós-marxistas está na predominância do Estado servido pela sociedade para o bem do povo e no liberalismo, no Estado servidor da sociedade e regulador das distorções que a ação da sociedade possa gerar contra o povo.

Em resumo, na visão dos socialistas, o Estado, representando o povo, deveria servir o povo, por meio dos governantes, desde que todos os indivíduos estivessem a serviço do interesse público. A liberdade seria do Estado e não do indivíduo, visto que os governantes sabem melhor do que o próprio povo o que é bom para o povo, despidendo sendo a própria participação popular na escolha de seus representantes, como ocorre em Cuba ou na China, ou ocorria em todos os Estados da Europa Oriental antes da queda do Muro de Berlim.

Na visão dos liberais, como o

homem não é confiável no poder — desgraçadamente a história comprova tal pessimista visão — e como os governantes almejam o poder, por exclusiva ambição pessoal, na maior parte dos casos, é preferível que o Estado seja menor que a sociedade e que esteja mais a serviço da sociedade que dos governantes, reduzindo seu tamanho ao necessário para controlar a ordem social e auxiliar o desenvolvimento.

Em outras palavras, para os socialistas a sociedade está a serviço do Estado, se governado por socialistas, pois a eles é que a sociedade deve servir. Para os liberais, o Estado é que serve a sociedade.

Por acreditarem mais os socialistas no Estado e os liberais na sociedade é que, também os socialistas, são mais atuantes em política, fazendo um barulho superior aos liberais, embora com performance inferior ao seu discurso nas urnas, pois alardeiam maior força do que realmente têm.

A evidência, a forma gráfica e

simplificada com que desenho os dois grandes grupos de ideologias políticas comporta matizes intermediários, sendo interessante notar que os socialistas que assumem o poder só conseguem razoável atuação quando abandonam suas plataformas eleitorais, com o que mantêm prestígio político, mas raramente permanecem nas agremiações políticas que os elegeram. Quando permanecem, não mais possuem o livre trânsito e a confiança anterior às eleições.

Tais perfunctórias considerações, faço-as porque, no momento em que a luta ideológica entre liberais e socialistas parecia afastada do cenário mundial para que a democracia se fortalecesse a favor do desenvolvimento econômico e da paz social, o antigo debate se renova pelo País, voltando, os socialistas, a brandir as armas da truculência, com os "sem-terra" e os "sem-teto" exigindo a retirada de "terras produtivas" de seus atuais proprietários para que as ocupem e permanecendo, o gover-

no, sem uma política agrária adequada, sobre abrir mão, na proposta de reforma tributária, do ITR, como instrumento de reforma agrícola, transferindo-o aos Estados sem o princípio da progressividade punitiva para imóveis improdutivos.

Estou convencido que a polêmica ideológica tem demonstrado que os "ideais" dos socialistas são maiores que seus "resultados" e os "resultados" dos liberais têm sido maiores que seus "ideais", na feliz imagem de Roberto Campos, mas que a postura de ação "liberal" e discurso "socialista" ou da ação "socialista" e discurso "liberal" termina por gerar piores soluções que aquelas das ações e discursos coerentes. Principalmente, no que concerne ao problema de terra, em que mais do que se discutir a necessidade de uma autêntica reforma agrária — algo imperioso — corre, o País, o risco de um confronto profissionalizado entre a truculência dos "sem-terra" e a incompetência dos governantes, que acabará por atingir dois pilares fundamentais do Estado Democrático, que é a ordem jurídica e a propriedade.

Em recentes artigos para o Estado de S. Paulo, Miguel Reale e Jarbas Passarinho alertaram sobre o perigo deste confronto instrumentalizado, que pode provocar a própria desestabilização institucional, se a "violência" na terra se sobrepujar à "ordem constitucional".

O AUTOR

Ives Gandra da Silva Martins é professor-emérito da Universidade Mackenzie



*** Jornal da Tarde
12 de outubro de 1995.
pág. 2

0449

064/95